

Aparência e envelhecimento feminino na série *And Just Like That*¹

Claudia Garcia²

Gabriela Santos Alves³

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Resumo

O objetivo geral deste estudo é investigar como a série de televisão *And Just Like That*, através de suas técnicas narrativas, aborda as questões de aparência do corpo em mulheres de 50 anos. Foi analisada uma cena da primeira temporada da série e, como metodologia, foram adotadas as técnicas de análise de narrativa seriada de Balogh (2002) e Moura (2023). Para conceituar, acionamos autores como: Beiguelman (1992), Han (2019) e Goldenberg (2011). Concluiu-se que – mesmo de forma superficial – a série colabora para um debate positivo sobre o tema do envelhecimento feminino.

Palavras-chave: aparência; envelhecimento feminino; padrões estéticos; ficção seriada.

A cultura do compartilhamento da vida nas redes sociais, a busca pela *selfie* perfeita e o uso frequente dos filtros faciais alimentam o desejo de ser visto e, nesse movimento de visibilidade constante, a aparência do corpo é fundamental. Imersos em um ambiente em que as relações sociais são mediadas por imagens, somos constantemente julgados e valorizados pelo que aparentamos ser. Vivemos em um mundo em que a autoexposição está diretamente relacionada à disputa pela inserção social, numa necessidade compulsiva por visibilidade e que “a economia liberal dos likes, e suas fórmulas de sucesso, tende a homogeneizar tudo o que produzimos e vemos. Padroniza ângulos, enquadramentos, cenas, estilos” (Beiguelman, 2021, p.7).

Nesse contexto, influenciadores digitais dividem com as celebridades da TV e do cinema a categoria de pessoas eleitas como modelos de beleza e de comportamento a serem seguidos, em sua grande maioria, perpetuando padrões estéticos hegemônicos e de aparência jovem, que excluem e promovem invisibilidades.

Goldenberg (2011, p.78) acredita que o corpo é um capital, não somente físico, mas também simbólico, econômico e social. Mas esse não é um corpo qualquer: “É um

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo – PósCom/UFES. E-mail: claudia.garcia.13@usp.edu.br.

³ Orientadora: Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades – PósCom/UFES e do Departamento de Comunicação Social – UFES. Doutora em Comunicação e Cultura – Eco/UFRJ. Realizadora audiovisual. E-mail: gabriela.alves@ufes.br.

corpo que deve ser magro, jovem, em boa forma, sexy. Um corpo conquistado por meio de um enorme investimento financeiro, muito trabalho e uma boa dose de sacrifício”. Principalmente para a mulher, já que de acordo com a Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS, 2025), elas representam 84% de todos os procedimentos cirúrgicos estéticos realizados no mundo em 2024, sendo que o Brasil ocupa o primeiro lugar em número total de cirurgias plásticas realizadas.

No segundo episódio (*Woman and Art*) da série de televisão *Ways of Seeing*, de 1972, o autor e crítico de arte, John Berger, destaca como o olhar masculino moldou a estética feminina na pintura à óleo europeia ao longo dos séculos e, consequentemente, como a imagem da mulher é representada até os dias de hoje. Ele diz que uma mulher, na cultura dos europeus privilegiados, é, principalmente, uma visão a ser olhada. Por exemplo, a maioria dos nus nessas pinturas foram alinhadas por seus pintores para o prazer do espectador masculino, que os iria avaliar e julgar como “visões”. Dessa forma, percebemos também que a beleza feminina, sempre foi, aos olhos masculinos, sinônimo de juventude, retratada nas pinturas, nas fotografias, nos filmes e na publicidade.

Entretanto, as formas de ver não são mais como eram no passado. Para Beiguelman (2021, p.6), com a digitalização da cultura e da ubiquidade das redes, alteraram-se os processos de distribuição de imagem e, assim, as formas de ver. Segundo ela, “cada vez mais mediados por diferentes dispositivos simultâneos, esses regimes emergentes consolidaram novos modos de criar, de olhar e também de ser visto”. Se, por um lado, essa nova cultura visual abre possibilidades de democratização do acesso ao audiovisual, surgem com ela novos regimes estéticos, superexposição, vigilância e formatos inéditos de padronização, tanto da imagem quanto do olhar.

Já a ideia de que a mulher deve manter-se jovem o máximo de tempo possível não se alterou; pelo contrário, ganha força nos dias atuais. Segundo Debert (1999, p.21), a juventude passou por um processo de resignificação em que “perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio de vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade”. Sendo assim, socialmente, o corpo jovem vale mais do que o corpo velho, aquele que apresenta os sinais corporais naturais do passar dos anos, como rugas, flacidez, gordura e cabelos grisalhos. Essas marcas da velhice, então, devem ser corrigidas e reconfiguradas a partir de todo o aparato disponível, incluindo cosméticos, exercícios físicos, dietas, procedimentos e cirurgias estéticas, cada vez mais populares e acessíveis do ponto de vista mercadológico. Manter-se jovem,

assim, torna-se uma responsabilidade individual para a mulher que deseja ser valorizada e bem vista socialmente.

Se por um lado, com as mudanças culturais os avanços tecnológicos ocorridos nas últimas décadas, a mulher possui mais liberdade sobre seu corpo e suas narrativas, por outro, houve um avanço muito maior nas formas de controle e de disseminação de imagens de beleza cada vez mais irreais e padronizadas. Para Beiguelman (2021), as imagens deixaram, portanto, de ser planos emolduráveis para se transformar nos dispositivos mais importantes da contemporaneidade, espaço de reivindicação do direito de projeção do sujeito na tela, subvertendo os modos de fazer, mas também os modos de olhar, de ser visto e supervisionado.

Segundo Sibilia (2012), vivemos atualmente o que ela chama de moral da pele lisa, onde o que choca o olhar é a exposição do corpo real, da pele com rugas, flácida, com manchas e que é o contrário do liso e sem marcas do tempo vivido. Além dessa negação dos corpos que não se encaixam no padrão juvenil, a estética do liso, que o filósofo Han (2019) acredita ser um fenômeno genuinamente contemporâneo, indica que o belo é o liso, pois o liso é o que causa maior prazer aos sentidos, como o tato e o olhar. Além disso, o liso é uma qualidade presente em todos os corpos considerados belos. Assim, também o rosto que corresponde à ideia normal do belo é um rosto completamente liso, regular, que não contém nenhuma marca do tempo. Han (2019, p.7) relaciona ainda a beleza do liso à sociedade da positividade, pois o liso anula qualquer negatividade: “O liso não quebra. Também não opõe resistência. Ele exige *likes*. O objeto liso extingue seus contrários. Toda negatividade é posta de lado”.

Se o corpo velho é imoral por si só, o rosto com as marcas da idade e do tempo vivido torna-se, na sociedade dos *likes*, também indigno de ser exibido. A não ser que se utilize as ferramentas corretas e os truques certos, como filtros, maquiagem, preenchedores faciais e outros recursos que ajudam a parecer mais jovem em *selfies* e *close-ups*.

Nesse contexto, é importante lembrar que a população mundial está envelhecendo cada vez mais rápido. No Brasil, segundo o IBGE (2022), a parcela de pessoas com 60 anos ou mais aumentou de 11,3% para 14,7% da população nos últimos dez anos. Em números absolutos, esse grupo etário passou de 22,3 milhões para 31,2 milhões de pessoas, crescendo 39,8% entre 2012 e 2021. Apesar disso, a temática da velhice ainda é pouco abordada e essa forma de invisibilidade perpassa os meios de comunicação, nos

quais o envelhecimento é pouco representado, como em filmes e séries de televisão.

Diferente do cinema, a série tem um tempo maior para explorar determinados temas com grande variedade de nuances, permitindo um debate mais consistente para suas histórias. Porém, mais tempo de tela não significa maior profundidade nas narrativas dessas histórias, o que vai depender muito do objetivo geral de cada produto. O que podemos afirmar, entretanto, é que um fator fundamental que manteve a série de televisão um produto tão consumido e mundialmente relevante ao longo do tempo foi a transformação da audiência, cada vez mais diversa e global, provocando assim a demanda por uma maior representatividade. Temas que exigem mais profundidade, como saúde mental e sexualidade, começaram a surgir, na medida em que os personagens e as narrativas ficaram mais complexos (Mittel, 2012).

Entretanto, como um produto comercial, a sua longevidade depende de uma boa audiência para atender as expectativas dos grupos privados que a promovem. Por exemplo, a série americana *Sex and the City* (1998/2004), produzida pela HBO, teve seis temporadas. No Brasil, foi transmitida também na TV aberta (Bandeirantes e Record). Com grande cobertura da mídia, o sucesso de audiência da trama foi o resultado da identificação feminina com as personagens centrais. As histórias abordam sexo, sexualidade, relacionamentos e trabalho no cotidiano de quatro amigas: Carrie Bradshaw (Sarah Jessica Parker), Samantha Jones (Kim Cattrall), Miranda Hobbes (Cynthia Nixon) e Charlotte York (Kristin Davis), na faixa dos 30 anos, tendo como cenário a cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Apesar da falta de diversidade entre as personagens principais – brancas, magras, heterossexuais e bem-sucedidas no trabalho –, a série marcou época, tendo sido pioneira na forma de representar a mulher como um ser complexo e sexual. O universo de mulheres jovens, solteiras, sexualmente ativas e a forma como isso era tratado na TV era novo na época (Philips, 2021).

Desde os anos 1990, não apenas a cultura evoluiu, mas também esse gênero de TV popularizado por *Sex and the City*, abrindo caminho para outras produções femininas em universos cada vez mais diversos. No ano 2000, surgiu *Girlfriends* (da extinta UPN, teve oito temporadas), contando as histórias de quatro amigas negras da Califórnia. Em 2004, foi lançada *The L World* (exibida no Brasil pela Warner Channel), primeira série da televisão americana que mostrou um grupo de amigas homossexuais e bissexuais, e apresentou uma personagem transgênero; em 2012 veio *Girls* (HBO), como uma versão de *Sex and the City* das jovens da geração milênio. Mais tarde, *Insecure* (2016/2021),

também da HBO, ampliando a discussão racial para questões sociais; e *Harlem* (Amazon Prime), que estreou em 2021 e é uma das poucas histórias que, além do grupo de amigas negras, traz personagens lésbicas no centro da trama.

Nesse contexto, as produções que retratam o universo da mulher contemporânea, ou se opõem a *Sex and the City* ou dialogam com ela, ao interseccionar gênero, raça e classe social, ampliando as discussões a respeito da mulher na atualidade. Porém, essas séries ainda são direcionadas apenas ao público jovem, começando no final da adolescência e se estendendo a mulheres até a faixa dos 30 anos de idade. Dessa forma, ainda é possível que a diversidade de representação presente nesses produtos corresponda a interesses comerciais e, por isso, torne-se excludente. Isso pode acontecer, por exemplo, ao se priorizar determinados públicos ou padrões etários e de aparência jovem entre as personagens, perpetuando modelos estéticos que excluem e promovem invisibilidades.

Em um universo ainda restrito, algumas poucas séries se destacam ao trazer protagonistas mulheres acima dos 40/50 anos na produção de alcance global: *The Golden Girls* (NBC), lançada em 1985, foi um grande sucesso, tendo sido renovada por sete temporadas. No Brasil, foi ao ar pela TV Globo a partir de 1987, e recebeu o nome de Supergatas. Em 1992, com o fim do programa, foi lançada *The Golden Palace* (CBS), uma sequência com três personagens remanescentes de *The Golden Girls*, com apenas uma temporada, encerrando-se em 1993. Apenas 15 anos depois, em 2008, surgiu outra série com protagonistas mais velhas: *Hot in Cleveland* (2008/2015), produzida pela Land, chegou a ser recusada pela CBS. O canal de TV alegou na época que mulheres mais velhas não eram o público-alvo de seus anunciantes (Furquim, 2014).

Em seguida, surgiu a inovadora *Grace and Frankie* (2015/2022), da Netflix, ao trazer personagens centrais com idades na faixa dos 70/80 anos. É uma série de drama cômico estrelada pelas veteranas Jane Fonda e Lily Tomlin. Com ampla variedade de catálogo e capacidade de desenvolver múltiplas tramas ao mesmo tempo, as plataformas de *streaming* expandem o leque de públicos-alvo de um modo que a TV aberta – muito mais suscetível às tendências de mercado e anunciantes – não consegue. Outra série da Netflix, *À Beira do Caos*, originalmente *On the Verge* (2021), retrata o precipício emocional em que se encontra um grupo de quatro mulheres na faixa dos 40/50 anos. A produção só conta com uma temporada na plataforma.

A HBO também lançou produções desse segmento em 2021: a comédia *Hacks* (2021/2025), que foge da fórmula de amigas mais velhas, mas é uma das únicas que

aposta no relacionamento intergeracional. A série conta a história de uma comediante famosa, porém decadente – Deborah Vance (Jean Smart) –, que se torna a mentora de uma roteirista jovem e “cancelada” na internet, Ava Daniels (Hannah Schiavier). E, por fim, *And Just Like That* (2021/2025), muito comentada na mídia e nas redes sociais por ser a sequência de *Sex and the City* (1998/2004). Sarah Jessica Parker, que representa Carrie na trama, também é produtora executiva da série. Ao lado do *showrunner*¹ Michael Patrick King, ela trouxe a ideia de olhar para o futuro das personagens de *Sex and the City*, agora na faixa dos 50 anos. Mas o público estaria interessado nas histórias de três mulheres – Kim Cattrall, a Samantha, não participa da nova trama – casadas, ricas e na pós-menopausa? (Ribeiro, 2021). O sucesso de audiência até agora sugere que sim: Sarah Aubrey, diretora de conteúdo original da HBO Max, anunciou que *And Just Like That* conquistou o topo do *ranking* de produções originais mais assistidas na plataforma de *streaming*, tendo sido renovada para sua terceira temporada (Bastos, 2023), com estreia em maio de 2025.

De acordo com o *Geena Davis Institute on Gender in Media* (2021), em pesquisa realizada nos Estados Unidos, personagens com mais de 50 anos constituem menos de um quarto de todos os personagens em filmes de grande bilheteria e programas de TV mais bem avaliados da última década. A disparidade na tela é evidente, com personagens masculinos superando significativamente as mulheres na faixa etária acima de 50 anos: 80% nos filmes, 75% na TV aberta e 66% nas plataformas de *streaming*. Além disso, a narrativa em torno dos personagens com mais de 50 anos tende a inclinar-se mais para a vilania do que para o heroísmo, com 59% dos filmes e 43,2% dos programas de TV apresentando vilões mais velhos, em comparação com 30% e 22,1% que apresentam heróis, respectivamente. As histórias românticas, por exemplo, são desproporcionalmente menores para personagens com mais de 50 anos, sendo que personagens mais jovens têm duas a três vezes mais chances de vivenciar romances.

Ao lado do sexo e da raça, a idade é uma das primeiras características percebidas sobre as pessoas. Idade e gênero podem ser considerados socialmente como fatores de exclusão, refletida na pouca representatividade nas séries de televisão. Além da escassez de mulheres com idades acima de 50 anos nesse formato, há muito pouca diversidade na intersecção entre gênero, idade, raça e classe, sendo que a idade é comum em todas as condições citadas. Essa questão torna-se ainda mais problemática com o histórico de narrativas estereotipadas e preconceituosas ao contar suas histórias.

Nesse contexto, como a série de televisão norte-americana *And Just Like That* – sequência da série (1998/2004) e dos filmes (2008 e 2010) *Sex and the City* –, através da construção da sua narrativa e por meio de suas personagens centrais, aborda o corpo e a aparência das mulheres com idade a partir de 50 anos? Para ajudar a responder essa pergunta, tomamos como objeto uma cena da primeira temporada de *And Just Like That*, lançada em 2021– episódio 6 (*Diwali*), sequência 20:28 – 25:35. A série foi produzida e exibida pela HBO, com criação de Michael Patrick King e Darren Star, baseada no livro *Sex and the City*, de Candace Bushnell. É importante destacar que *And Just Like That* é a primeira série do gênero comédia/drama com grupo de amigas com protagonistas com idades na faixa dos 50 anos a utilizar como um dos temas centrais o envelhecimento feminino. As personagens e atrizes principais são as mesmas nas duas séries (*Sex and the City* e *And Just Like That*), com exceção da atriz Kim Cattrall, como já citado.

Através da metodologia de análise da narrativa seriada de Balogh (2002) e Moura (2023), o objetivo principal é investigar como a série de televisão *And Just Like That* aborda as questões do envelhecimento, relacionadas à aparência do corpo feminino em mulheres com idades acima dos 50 anos; identificar as problematizações criadas pela narrativa, por meio das personagens centrais, acerca das questões estéticas e das transformações físicas que ocorrem com o envelhecimento; e localizar o idadismo de gênero na relação entre aparência e envelhecimento feminino.

Praesent vitae sem sit amet augue rhoncus sollicitudin ac ut nisi. Quisque neque dui, pharetra ac tincidunt non, aliquam id neque. Phasellus elit est, laoreet vel ipsum sollicitudin, volutpat hendrerit justo. Morbi elementum magna et mollis faucibus. Aliquam porttitor justo nisi. Quisque in tortor non quam vestibulum placerat. Aliquam sed magna ac enim lacinia convallis. Vivamus dignissim elit vel justo aliquam finibus.

***And Just Like That* – o idadismo⁴ (ou etarismo) em cena**

Na primeira sequência da cena analisada, Carrie Bradshaw (Sarah Jessica Parker) acompanha seu amigo, Anthony Marentino (Mario Cantone), a uma consulta com o médico cirurgião plástico, Dr. Paul David (Jonathan Groff), com o objetivo de fazer um *lifting* facial. Depois, encontra-se no parque com as amigas Miranda Hobbes (Cynthia Nixon) e Charlotte York (Kristin Davis) para almoçar e conversar.

⁴ Estereótipo, preconceito e discriminação dirigida contra outros ou contra si mesmo com base na idade (OPAS, 2022).

No consultório, além do médico imediatamente assumir, sem questionar, que o paciente é a Carrie, ele diz que Anthony não precisa de nada além de uma aplicação de *botox*. Em seguida, ao perguntar ao médico se precisa de um *lifting* facial, Carrie justifica sua aparência cansada, dizendo que acabou de ficar viúva e que não dormiu bem a noite passada. Ao responder, o médico diz que Carrie parece sim cansada, mas é fabulosa, e que, se ela quiser, poderá fazer algum procedimento ou não. Seu amigo, Anthony, logo avisa que não a deixará cometer nenhuma loucura, mas Carrie diz que, como um bom amigo, ele deveria ter dito que ela não precisava de nada. Ela lembra que Anthony é muitos anos mais velho do que ela e o médico diz: – “Infelizmente, a mãe natureza e o *Instagram* jogam mais duro com as mulheres.” A luz branca, fria, chapada e sem sombra do consultório deixa o ambiente – totalmente branco e asséptico – ideal para destacar cada detalhe do rosto de Carrie, sempre em foco, seja em *close-up* ou pelo uso da câmera, em planos estáticos, sobre o ombro do médico. Após um teste de antes e depois, o médico diz a Carrie que ela tem um amplo leque de opções: – “Talvez alguns injetáveis para restaurar e preencher; um pouco de laser; uma leve cirurgia, olho superior, e um *minilifting*, ou, dependendo do resultado que estiver procurando, um *lifting* completo para rosto e pescoço.” Tudo isso apagaria 15 anos de seu rosto.

A cena corta para o *Central Park*, em Nova Iorque, onde a luz natural de um dia quente e ensolarado, ao som de crianças brincando e pessoas conversando ao fundo, deixa o ambiente aconchegante, ao lado das melhores amigas de Carrie: Miranda e Charlotte, reunidas em uma mesa de piquenique para um almoço. Uma assinatura da série, é na mesa do restaurante, do bar ou do parque que elas conversam sobre todos os assuntos, seus problemas, angústias e medos, desde *Sex And The City*. Ao contar o que aconteceu no consultório, Carrie enfatiza o preço altíssimo de parecer 15 anos mais jovem e questiona se realmente valeria à pena. Miranda fica com raiva do médico e diz: – “Você se sentia muito bem com sua aparência. Mas agora, graças a ele, está questionando tudo.” Carrie responde: – “Quem disse que eu me sentia tão bem com a minha aparência?” Miranda concorda e diz: – “Certo, talvez não tão bem, mas quem se sente assim?” Ela acredita que transformaram o envelhecimento em algo errado para as mulheres. Já Charlotte pensa que uma mulher deve poder fazer algum procedimento estético sem que outras pessoas a façam se sentir mal por isso.

Notas analíticas

Ricas, bem-sucedidas, brancas e magras, as protagonistas da série falam de um lugar de privilégio, principalmente de escolhas. Mas percebemos que mesmo quando a mulher tem o poder de escolha, pode estar sendo influenciada e pressionada a seguir códigos de beleza que estão culturalmente inseridos na sociedade e dos quais não consegue escapar, por mais inteligente, bem-sucedida e informada que ela seja.

Do ponto de vista biológico, com o passar do tempo, o declínio do corpo humano é um destino universal, mas muito mais difícil de ser enfrentado para a mulher do que para o homem. No consultório, uma sequência de acontecimentos reforça o preconceito de gênero em relação a mulher mais velha. Carrie é imediatamente vista como aquela que precisa de um *lifting* facial, ao contrário do amigo, que é muitos anos mais velho. O médico ainda reforça que o *Instagram*, rede social que mais explora a imagem pessoal na atualidade, é implacável com as mulheres. E, apesar de achar que a Carrie está fabulosa para sua idade, lhe oferece uma lista enorme de procedimentos para parecer mais jovem.

Na cena do parque, quando Miranda diz que Carrie, antes de ir ao médico, estava feliz com sua imagem e não pensava em fazer nenhum procedimento estético e que foi o médico quem provocou esse desejo, ela problematiza a questão dos reais motivos pelos quais as mulheres estão em busca desse ideal de beleza jovem. Mas Charlotte pondera e coloca outra questão: a de que a mulher deveria ter o direito de decidir como quer envelhecer sem julgamentos.

Considerações finais

A mulher é, desde a infância, ensinada e levada a vigiar tudo o que faz, pois como ela parece para os outros, especialmente para os homens, é determinante para o seu sucesso na vida. Ser bela – e jovem – é uma obrigação para a mulher, que gasta tempo e dinheiro em busca de um ideal de beleza criado por e para os homens, mantido por uma indústria multimilionária que, podemos dizer, se sustenta às custas de manter as mulheres sempre inseguras, infelizes, desacreditadas de si mesmas e insatisfeitas com seus corpos. E esse ideal de beleza é, exponencialmente, difundido e perpetuado pela mídia, historicamente pelo audiovisual, massivamente presente no ambiente digital, padronizando tudo, especialmente as imagens.

A análise da primeira temporada de *And Just Like That*, indica uma intenção forte em debater as questões cotidianas do envelhecimento, aquelas que podem fazer com que o público feminino se identifique, principalmente as fãs de *Sex and the City* que envelheceram junto com as personagens e se encontram hoje nesse momento de vida ou

próximo dele, ou mesmo já passaram por muitas das situações apresentadas. Podemos dizer que existe, como poderia ser de se esperar de uma série de comédia dramática, uma superficialidade ao se tratar de um tema tão cheio de nuances, como por exemplo ao excluir a questão de classe do debate. O envelhecimento não acontece de forma igual para todas as pessoas e as questões socioeconômicas são determinantes nesse sentido.

Por outro lado, a série acendeu a discussão sobre o envelhecimento, inclusive fora das telas, tanto por exibir corpos femininos de mulheres mais velhas como por contar suas histórias. Nas redes sociais, por exemplo, parte da audiência reagiu muito mal à aparência das atrizes, julgadas muito envelhecidas, provando que realmente não estamos acostumados a ver imagens de mulheres com mais de 50 anos com frequência em séries de televisão, especialmente como protagonistas e, menos ainda, a temática do envelhecimento feminino. Portanto, para que as formas de ver sejam plurais, se faz necessário que o olhar se acostume à presença de corpos mais diversos em todas as telas que nos acompanham diariamente.

Referências

BALOGH, Anna Maria. **O discurso ficcional na TV**: Sedução e sonho em doses homeopáticas. São Paulo: EDUSP, 2002.

BASTOS, Nicoly. “And Just Like That”, spin-off de “Sex and the City”, é renovada para 3^a. temporada. **CNN Brasil** [online], São Paulo, 22 ago. 2023. Pop. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/and-just-like-that-spin-off-de-sex-and-the-city-e-renovada-para-3a-temporada>. Acesso: 30 abr. 2025.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem**: Vigilância e resistência na dadosfera. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 1999.

DIWALI (temporada 1, ep. 6). *And Just Like That* [Seriado]. Direção: Cynthia Nixon. Produção: Michael Patrick King. Estados Unidos: HBO, 2021. (20:28 – 25:35).

FURQUIM, Fernanda. Sexta temporada de ‘Hot in Cleveland’ será a última. **Veja** [online], São Paulo, 17 nov.2014. Coluna. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/temporadas/sexta-temporada-de-8216-hot-in-cleveland-8217-sera-a-ultima>. Acesso: 20jul.2024.

Geena Davis Institute on Gender in Media. **Women over 50: the right to be seen on screen**, 2021. Disponível em: <https://geenadavisinstitute.org/research/women-over-50-the-right-to-be-seen-on-screen>. Acesso: 20 out. 2024.

GOLDENBERG, Mirian. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.9, ed.18, n2, p.77-85, 2011. Disponível em:

http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_18/contemporanea_n18_06_Mirian_Goldenb_erg.pdf.
Acesso: 15 maio 2025.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: características gerais dos moradores, 2020-2021. Disponível em:
<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1209>. Acesso: 12 abr. 2025.

ISAPS – Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética. **ISAPS International survey on aesthetic/cosmetic procedures performed in 2024**, 2025. Disponível em:
https://www.isaps.org/media/oogpzodr/isaps-global-survey_2024.pdf. Acesso: 18 jun. 2025.

MITTELL, J. Complexidade narrativa na televisão americana contemporânea. **MATRIZES**, [S. l.], v.5, n.2, p.29-52, 2012. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38326>. Acesso: 11 jun. 2023.

MOURA, Leonardo. **Como analisar filmes e séries na era do streaming**. São Paulo: Editora Summus, 2023.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Relatório mundial sobre o idadismo**. Washington, DC.: OPAS, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.37774/9789275724453>. Acesso: 10 abr. 2024.

PHILIPS, Maya. It's a Sex and the City world. Can Carrie and co. still live in it? **The New York Times** [online], Nova Iorque, 24dez.2021. Critic's Notebook. Disponível em:
www.nytimes.com/2021/12/24/arts/television/sex-and-the-city-girls-girlfriends-run-the-world.html. Acesso: 08 jun. 2025.

RIBEIRO, Teté. 'And Just Like That' é 'Sex and the City' com menos sexo e mais Nova York. **Folha de S.Paulo** [online], São Paulo, 09 dez. 2021. Análise. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/12/and-just-like-that-e-sex-and-the-city-com-menos-sexo-e-mais-nova-york.shtml>. Acesso: 10 mar. 2025.

SIBILIA, Paula. O corpo velho como uma imagem com falhas: a moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, ano 9, vol.9, n.26, p. 83-114, nov. 2012.

WOMAN AND ART (ep. 2). *Ways of Seeing* [Série]. Criação: John Berger. Produção: Mike Dibb. Inglaterra: BBC, 1972. (30').